

O
PALÁCIO
DE
PAPEL

MIRANDA

COWLEY HELLER

O palácio de papel

Miranda Cowley Heller

Tradução de Camila von Holdefer



Copyright © 2021 by Green Pear, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

The Paper Palace

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Thaís Carvas

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Tanara Vieira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H419p

Heller, Miranda Cowley, 1962-

O palácio de papel / Miranda Cowley Heller ; tradução Camila von Holdefefer.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

400 p. ; 23 cm.

Tradução de: The paper palace

ISBN 978-65-5560-296-8

978-65-5560-077-3 [c.i.]

1. Ficção americana. I. Von Holdefefer, Camila. II. Título.

21-71851

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

I^a EDIÇÃO

PAPEL DE MIOLO
Pólen* Soft 80g/m²

TIPOGRAFIA
Sabon

IMPRESSÃO
Ipsis



LIVRO UM
ELLE

CAPÍTULO 1

Hoje. 1º de agosto, Back Woods.

6h30

As coisas vêm do nada. A mente está vazia e então surge uma pera no enquadramento. Perfeita, verde, a haste inclinada, uma única folhinha. Está em uma tigela de faiança branca, aninhada entre os limões, no centro de uma mesa de piquenique carcomida, em uma antiga varanda com tela, à beira de uma lagoa, bem no meio do bosque, junto ao mar. Ao lado da tigela está um castiçal de bronze coberto por gotas de cera fria e pela poeira entranhada por ter estado largado em uma prateleira desprotegida durante um longo inverno. Pratos com massa comida pela metade, um guardanapo de linho desdobrado, borra de vinho tinto em uma garrafa, uma tábua de pão feita a mão, rústica, o pão partido, não fatiado. Um livro de poesia mofado está aberto em cima da mesa. O poema “To a Skylark” ecoa na minha mente — a cotovia voando para o azul doloroso, emocionante —, enquanto fico olhando a natureza-morta do jantar da noite passada. “*O mundo devia ouvir então, como estou ouvindo agora.*” Ele leu aquilo de um jeito tão bonito. “Para Anna.”

E ficamos todos sentados ali, enfeitiçados, lembrando dela. Eu poderia olhar só para ele eternamente e ser feliz. Poderia ouvi-lo, meus olhos fechados, sentir a respiração dele e as palavras me inundando incontáveis vezes. É tudo o que quero.

Além da borda da mesa, a intensidade da luz da manhã diminui à medida que passa pelas telas antes de brilhar sobre as árvores sombreadas, o azul cristalino da lagoa, as silhuetas profundas dos tupelos na beira da água onde a cobertura do sol é vacilante a esta hora do dia. Analiso o centímetro de café forte e velho que sobrou numa xícara suja e penso em bebê-lo. O ar está frio e úmido. Tremo sob o roupão lilás desbotado — da minha mãe — que visto todo verão quando viemos para cá. Tem o cheiro dela e de sonolência, com um toque de cocô de rato. Esta é minha hora favorita em Back Woods. O amanhecer na lagoa, sem mais ninguém acordado. A luz clara do sol, inexorável, a água revigorante, os notibós enfim quietos.

Do lado de fora na varanda, no pequeno deque de madeira, a areia se acumula entre as ripas. Precisa ser varrida. Uma vassoura está apoiada na tela, deixando uma marca, mas a ignoro e desço o breve caminho que leva até nossa praia. Atrás de mim, as dobradiças da porta guincham, mostrando resistência.

Deixo o roupão cair no chão e fico nua na beira da água. Do outro lado da lagoa, além dos pinheiros e dos arbustos de carvalho, o oceano está furioso, rugindo. Deve estar carregando uma tempestade vinda de algum lugar dentro de si. Mas aqui, na beira da lagoa, o ar ainda está agradável. Espero, observo, ouço... o chilrear, o zumbido de pequenos insetos, um vento que agita as árvores com muita gentileza. Entro na água congelante até a altura dos joelhos e mergulho de cabeça. Nado até a parte funda, para além dos nenúfares, impulsionada pela euforia, pela liberdade e por uma descarga de adrenalina de um pânico sem nome. Tenho um medo sinistro de tartarugas saídas das profundezas para abocanhar meus seios fartos. Ou, quem sabe, elas vão ser atraídas pelo cheiro de sexo enquanto abro e fecho as pernas. De repente sou dominada pela necessidade de voltar para o raso, onde consigo ver o fundo arenoso e

me sinto segura. Queria ser mais corajosa. Mas também amo o medo, a respiração ofegante na garganta, o batimento cardíaco ritmado quando saio da água.

Torço o máximo que posso meu cabelo comprido, pego uma toalha surrada do varal que minha mãe amarrou entre dois pinheiros desgrenhados, me deito na areia morna. Uma libélula de um azul elétrico pousa em meu mamilo e fica empoleirada nele por um instante. Uma formiga avança sobre as dunas do Saara que meu corpo acabou de projetar em seu caminho.

Na noite passada, finalmente transei com ele. Depois de todos esses anos imaginando, sem nunca saber se ele ainda me queria. E então o momento em que soube que aconteceria: todo o vinho, a voz linda de Jonas em uma ode, meu marido Peter deitado no sofá em uma névoa de *grappa*, meus três filhos dormindo na cabana deles, minha mãe de pé, diante da pia, lavando os pratos com luvas de borracha amarelo fluorescente, ignorando os convidados do jantar. Nossos olhos se demoraram um pouco mais. Saí da mesa barulhenta, tirei a calcinha na despensa e a escondi atrás da cesta de pão. Então saí pela porta dos fundos. Esperei nas sombras, ouvindo os ruídos de pratos, água, copos e prataria retinindo em unísono sob a espuma. Esperei. Torci. E então lá estava ele, me empurrando contra a parede da casa, a mão debaixo de meu vestido. “Eu te amo”, sussurrou. Ofeguei quando ele me penetrou. E pensei: agora não tem volta. Acabaram os arrependimentos pelo que não fiz. Agora só arrependimentos pelo que fiz. Eu o amo, eu me odeio; eu me amo, eu o odeio. Este é o fim de uma longa história.

Dezembro de 1966, Nova York.

Estou gritando. Grito e engasgo até que minha mãe finalmente percebe que há algo errado. Ela corre comigo para o consultório médico, se imaginando como a srta. Clavel, do desenho animado, enquanto dispara pela Park Avenue, apavorada, segurando o bebê de três meses. Meu pai

está correndo também, maleta na mão, subindo a Madison Avenue vindo do edifício Fred F. French. Pensamentos balbuciantes, com medo da própria impotência, como em tudo o que ele faz. O médico diz que não há tempo — se esperarem, o bebê vai morrer — e me arranca dos braços de minha mãe. Na mesa de operações, ele me corta na barriga como uma melancia madura. Um tumor serpenteou pelos meus intestinos, e uma toxicidade de merda se acumulou por trás do aperto de ferro, espalhando veneno em meu corpinho. A merda sempre se acumula, e sobreviver é a alma do negócio, mas por muitos anos não vou saber disso.

Enquanto mexe dentro de mim, o médico corta fora um ovário, descuidado e com pressa de arrancar a morte da vida. Também só vou descobrir isso depois de muito tempo. Quando descubro, minha mãe chora por mim pela segunda vez. “Sinto muito”, diz. “Devia ter feito ele ser mais cuidadoso...” Como se ela tivesse o poder de mudar meu destino e optado por não usá-lo.

Mais tarde, estou deitada e com os braços amarrados nas laterais de uma cama de hospital. Grito, choro, viva, lívida de raiva com essa injustiça. Não vão deixar minha mãe me alimentar. O leite dela seca. Quase uma semana se passa antes de libertarem minhas mãos dos grilhões. “Você sempre foi um bebê tão feliz”, conta meu pai. “Depois”, diz minha mãe, “você nunca mais parou de gritar”.

7h30

Deito de bruços, descanso a cabeça nos antebraços. Gosto do cheiro salgado-adocicado que minha pele exala quando pego sol — um cheiro almiscarado de castanhas douradas, como se estivesse sendo curada. Descendo o caminho que vai da casa principal até as cabanas, onde ficam os quartos, ouço uma batida leve. Alguém acordou. Pés esmagam as folhas secas. O chuveiro externo é ligado. Canos resmungam, acordando para o dia. Suspiro, fico de pé, pego meu roupão de praia e volto para casa.

Nosso acampamento tem uma construção principal — o “casarão” — e quatro cabanas com um quarto cada ao longo de um caminho de pinheiros que abraça a margem da lagoa. Pequenas choupanas de ripas de madeira, com seus telhados inclinados para evitar o acúmulo de neve, cada uma com apenas uma claraboia, uma janela de clerestório alongada de cada lado. Antiquadas, rústicas, sem frescuras. Exatamente como cabanas na Nova Inglaterra devem ser. Entre o caminho e a lagoa, há um paredão estreito de árvores — pau-de-cinzas em floração, loureiros e arbustos de mirtilos selvagens — que nos protegem dos olhos curiosos de pescadores e nadadores superentusiasmados que conseguem atravessar até o nosso lado da lagoa por um pequeno acesso público na margem mais distante. Eles não têm autorização para pisar em terra firme, mas algumas vezes andam pela água a um metro de distância, bem na frente de nossa fileira de árvores, alheios ao fato de que estão invadindo nossa vida.

Em um caminho atrás das cabanas, fica o antigo banheiro. Tinta descascando, uma pia esmaltada e enferrujada coberta de manchas beges de mariposas mortas atraídas pela luz no teto à noite, uma antiga banheira vitoriana que existe desde que meu avô construiu o lugar e um chuveiro externo — canos quentes e frios fixados a uma árvore de tupelo, a água se acumulando direto no solo, escorrendo pelo caminho arenoso.

O casarão é um espaço enorme — sala de estar e cozinha, com despensa separada — construído com blocos de concreto e impermeabilizante. Pisos de tábuas largas, vigas pesadas, uma enorme lareira de pedra. Em dias chuvosos, fechamos portas e janelas e nos sentamos lá dentro, ouvimos o crepitar do fogo, nos forçamos a jogar Banco Imobiliário. Mas onde vivemos *de fato* — onde lemos e comemos e discutimos e envelhecemos juntos — é na varanda, tão larga quanto a própria casa, que dá de frente para a lagoa. Este lugar não está preparado para o frio. Não faria sentido. No fim de setembro, quando o clima fica fresco e todas as casas de veraneio fecham para a temporada, Back Woods é um lugar solitário — ainda lindo em uma luz mais sombria, porém solene e sepulcral. Ninguém quer estar aqui no momento em que as folhas caem. Mas quando o verão chega mais uma vez, e os bosques estão densos e as

garças-azuis voltam para o ninho e se banham na lagoa cintilante, não há lugar melhor do que este.

Assim que volto para a varanda, sou atingida por uma onda de aflição, uma inquietação me percorrendo o plexo solar como uma profunda nostalgia. Sei que devia limpar a mesa antes que os outros venham tomar o café da manhã, mas quero memorizar a configuração do jantar — reviver a noite passada migalha por migalha, prato por prato, gravá-la com um banho ácido no cérebro. Corro os dedos sobre uma mancha arroxeada de vinho na toalha de mesa de linho branco, ponho o copo de Jonas nos lábios e tento sentir o gosto dele. Fecho os olhos, lembrando a leve pressão da coxa dele contra a minha sob a mesa. Antes de ter certeza de que ele me queria. Imaginando, sem fôlego, se era um toque acidental ou intencional.

Na sala principal, tudo está exatamente como sempre: painéis pendurados na parede acima do fogão, espátulas em ganchos para xícaras, um pote de vidro com colheres de madeira, uma lista desbotada de números de telefone fixada com tachinhas em uma estante de livros, duas cadeiras de diretor colocadas perto da lareira. Está tudo igual, e, ainda assim, enquanto atravesso a cozinha até a despensa, parece que são cômodos diferentes, mais nítidos, como se o próprio ar tivesse acabado de acordar de um sono profundo. Faço o caminho de volta pela porta da despensa, olho para a parede de blocos de concreto. Não há nada. Nenhum vestígio, nenhuma evidência. Mas foi aqui, estávamos aqui, encaixados um no outro para sempre. Roçando, silenciosos, desesperados. De repente, lembro-me da calcinha escondida atrás da cesta de pão, e estou pegando-a e enfiando-a por baixo do roupão quando minha mãe aparece.

— Acordou cedo, Elle. Tem café?

Era uma acusação.

— Estava indo fazer.

— Não muito forte. Não gosto dessa coisa de café *espresso*. Eu sei, você acha que é melhor... — diz ela numa voz falsa e condescendente que me deixa louca.

— Tá.

Não estou com vontade de discutir esta manhã.

Minha mãe se acomoda no sofá da varanda. É só um colchão duro de crina de cavalo coberto com um pano cinza e velho, porém, é o lugar mais cobiçado da casa. Dali é possível olhar a lagoa, beber um café, ler um livro com as costas apoiadas em almofadas antigas, as capas de algodão manchadas de ferrugem. Quem diria que até tecido podia enferrujar com o tempo?

É tão típico dela usurpar o melhor lugar.

O seu cabelo, loiro-palha, agora com listras cinzas, está torcido para cima num coque displicente e bagunçado. A velha camisola de algodão está desgastada. Mesmo assim, ela ainda consegue parecer imponente — uma figura na proa de uma escuna da Nova Inglaterra no século XVIII, bela e austera, envolta em louros e pérolas, apontando o caminho.

— Vou tomar o café rapidinho e depois limpo a mesa — comento.

— Se você limpar a mesa, eu lavo o resto da louça. Hummm... Obrigada — diz, enquanto lhe estendo uma xícara de café. — Como estava a água?

— Perfeita. Fria.

A melhor lição que minha mãe já me ensinou: há duas coisas na vida de que você nunca se arrepende — de um bebê e de um mergulho. Mesmo nos dias mais frios do início de junho, enquanto olho para o Atlântico salobro, ressentida com as focas que erguem a cabeça horrível e disforme e atraem os tubarões-brancos para estas águas, ouço a voz dela na minha cabeça, me instando a mergulhar.

— Espero que tenha pendurado a toalha no varal. Não quero ver outra pilha de toalhas molhadas hoje. Avise as crianças.

— Está no varal.

— Porque se você não der uns gritos com elas, eu vou.

— Entendi.

— E elas precisam varrer a cabana delas. Está um desastre. Não varra, Elle. Essas crianças estão mimadas. Estão bem grandinhas para...

Com um saco de lixo em uma das mãos e a xícara de café na outra, saio pela porta dos fundos deixando a ladainha dela flutuar com o vento.

O pior conselho dela: *Pense em Botticelli*. Seja como a Vênus se elevando da metade de uma concha, os lábios fechados, recatados, até mesmo sua nudez modesta. Palavras de alerta da minha mãe quando fui morar com Peter. A mensagem chegou em um cartão-postal desbotado que ela tinha escolhido anos antes na loja de presentes Uffizi. “*Querida Eleanor, gosto muito do seu Peter. Por favor, faça um esforço para não ser tão complicada o tempo todo. Mantenha a boca fechada e pareça misteriosa. Pense em Botticelli. Com amor, mamãe.*”

Jogo o saco na lata de lixo, fecho a tampa com força e estico a corda elástica bem apertada em volta dela para manter os guaxinins afastados. Eles são criaturas inteligentes com dedos compridos e ágeis. Ursinhos humanoides, mais espertos e mais desagradáveis do que parecem. Estamos travando uma guerra contra eles há anos.

— Lembrou de colocar a corda elástica na tampa, Elle? — pergunta minha mãe.

— Claro.

Sorriso com recato e começo a limpar os pratos.

1969, Nova York.

Logo meu pai vai aparecer. Estou me escondendo — agachada atrás do balcão do bar feito sob medida que separa nossa sala de estar do saguão de entrada. O balcão é dividido em quadrados. Um contém bebidas alcoólicas, outro o fonógrafo, outro a coleção de discos do meu pai, alguns livros de arte imensos, copos de martíni, coqueteleira de prata. A seção que contém as garrafas de bebidas é aberta dos dois lados, como uma janela. Espio através delas, hipnotizada pelo borrão de topázio — o uísque, o bourbon, o rum. Tenho três anos. A meu lado estão os preciosos LPs e os 78 rotações de meu pai. Corro o dedo pelas lombadas deles, gostando do som, respiro o cheiro de papelão gasto, espero a campainha tocar. Finalmente, meu pai chega e não tenho paciência para continuar

escondida. Já se passaram semanas. Disparo pelo corredor e me lanço no abraço de urso dele.

O divórcio não é definitivo, mas é quase. Eles vão ter de cruzar a fronteira até Juarez para isso. O fim vai chegar enquanto minha irmã mais velha, Anna, e eu nos sentamos pacientes na borda de uma fonte octogonal de azulejos mexicanos no saguão de um hotel, hipnotizadas pelo peixinho dourado nadando ao redor de uma ilha de plantas tropicais de folhas escuras no centro dela. Muitos anos depois, minha mãe conta que ligou para meu pai naquela manhã, papéis do divórcio na mão, e disse: “Mudei de ideia. Não vamos fazer isso.” E, ainda que o divórcio tivesse sido escolha dela, e ainda que o coração dele estivesse partido, ele respondeu: “Não. Viemos até aqui — mais vale acabar com isto, Wallace.” *Mais vale*: três sílabas que mudaram o rumo de tudo. Mas naquele momento, enquanto estava sentada alimentando o peixinho dourado com as migalhas do meu bolinho inglês, batendo os calcanhares contra o azulejo, entediada, não tinha ideia de que havia uma espada suspensa por um fio de cabelo em cima da minha cabeça. Que aquilo poderia ter tomado um caminho diferente.

Mas o México ainda não tinha chegado. Por enquanto, meu pai finge estar alegre e ainda apaixonado pela minha mãe.

— Eleanor! — Ele me rodopia nos braços. — Como está minha coelhinha?

Rio e me agarro a ele com algo que se aproxima do desespero, meus cachos loiros soltos cegando-o enquanto pressiono o rosto contra o dele.

— Papai!

Anna vem correndo como um touro, irritada porque cheguei primeiro, me afasta dos braços dele. Ela é dois anos mais velha do que eu e tem mais direito. Ele parece não perceber. Tudo o que importa para ele é a própria necessidade de ser amado. Esforço-me para voltar.

— Henry? Você quer uma bebida? Estou fazendo costeletas de porco — chama minha mãe, de algum lugar do apartamento sombrio anterior à guerra, o gelo tilintando.

— Adoraria — grita ele de volta, como se nada tivesse mudado entre eles. Mas os olhos dele estão tristes.

8h15

— Então, acho que a noite passada foi um sucesso — comenta minha mãe por trás de um romance surrado de Dumas.

— Sem dúvida.

— Jonas estava com uma cara boa.

Minhas mãos ficam tensas ao redor da pilha de pratos que estou segurando.

— Jonas está sempre com uma cara boa, mãe.

O cabelo preto espesso que você pode agarrar com os punhos, os olhos verde-claros, a pele lustrada com seiva e pinho, uma criatura selvagem, o homem mais bonito do mundo.

Minha mãe boceja. É a “deixa” dela — ela sempre faz isso antes de dizer algo desagradável.

— Ele é bacana, só não suporto a mãe dele. Tão hipócrita.

— Ela é.

— Como se ela fosse a única mulher na Terra que já fez reciclagem. E Gina. Mesmo depois de todos esses anos, ainda não sou capaz de adivinhar no que ele estava pensando quando se casou com ela.

— Que ela é jovem? É linda? Que ambos são artistas?

— Ela *era* jovem — corrige minha mãe. — E o modo como ostenta os decotes. Sempre se pavoneando, como se fosse o último biscoito do pacote. É óbvio que ninguém nunca disse para ela não ficar se exibindo por aí.

— É bizarro — ironizo, indo à cozinha para largar os pratos. — Autoestima. Ela deve ter tido pais que a apoiavam.

— Bem, acho muito desagradável. Tem suco de laranja?

Pego um copo limpo do escorredor de louças, vou até a geladeira.

— Na verdade — grito —, deve ter sido por isso que Jonas se apaixonou por ela. Ela deve ter parecido tão exótica depois das mulheres neuróticas com quem ele cresceu. Como um pavão no bosque.

— Ela é de Delaware — retruca minha mãe, como se isso encerrasse o assunto. — Ninguém vem de lá.

— Exato — digo, lhe estendendo o copo de suco. — Ela é exótica.

Mas a verdade é que nunca fui capaz de olhar para Gina sem pensar: *Ela é a escolha dele? É isso que ele queria?* Eu a imagino: o corpinho delicado e perfeito de ferrão de abelha; raízes escuras e bagunçadas com um loiro oxigenado no comprimento. Sem dúvida, os descoloridos estão de volta.

Minha mãe boceja de novo.

— Bom, você tem que admitir que ela não é a faca mais afiada da gaveta.

— Você gostava de *alguém* no jantar?

— Só estou sendo honesta.

— Bom, não seja. Gina é da família.

— Só porque você não tem escolha. Ela é casada com seu melhor amigo. Vocês são óleo e água desde o dia em que se conheceram.

— Isso não é verdade. Sempre gostei dela. Podemos não ter muita coisa em comum, mas a respeito. E Jonas a ama.

— Como quiser... — responde minha mãe, com um sorrisinho presunçoso.

— Ah, meu Deus.

Talvez tenha que matá-la.

— Você não jogou uma taça de vinho tinto na cara dela uma vez?

— Não, mãe. Eu *não* joguei uma taça de vinho na cara dela. Numa festa, tropecei e derramei meu vinho nela.

— Você e Jonas ficaram conversando a noite inteira. Do que estavam falando?

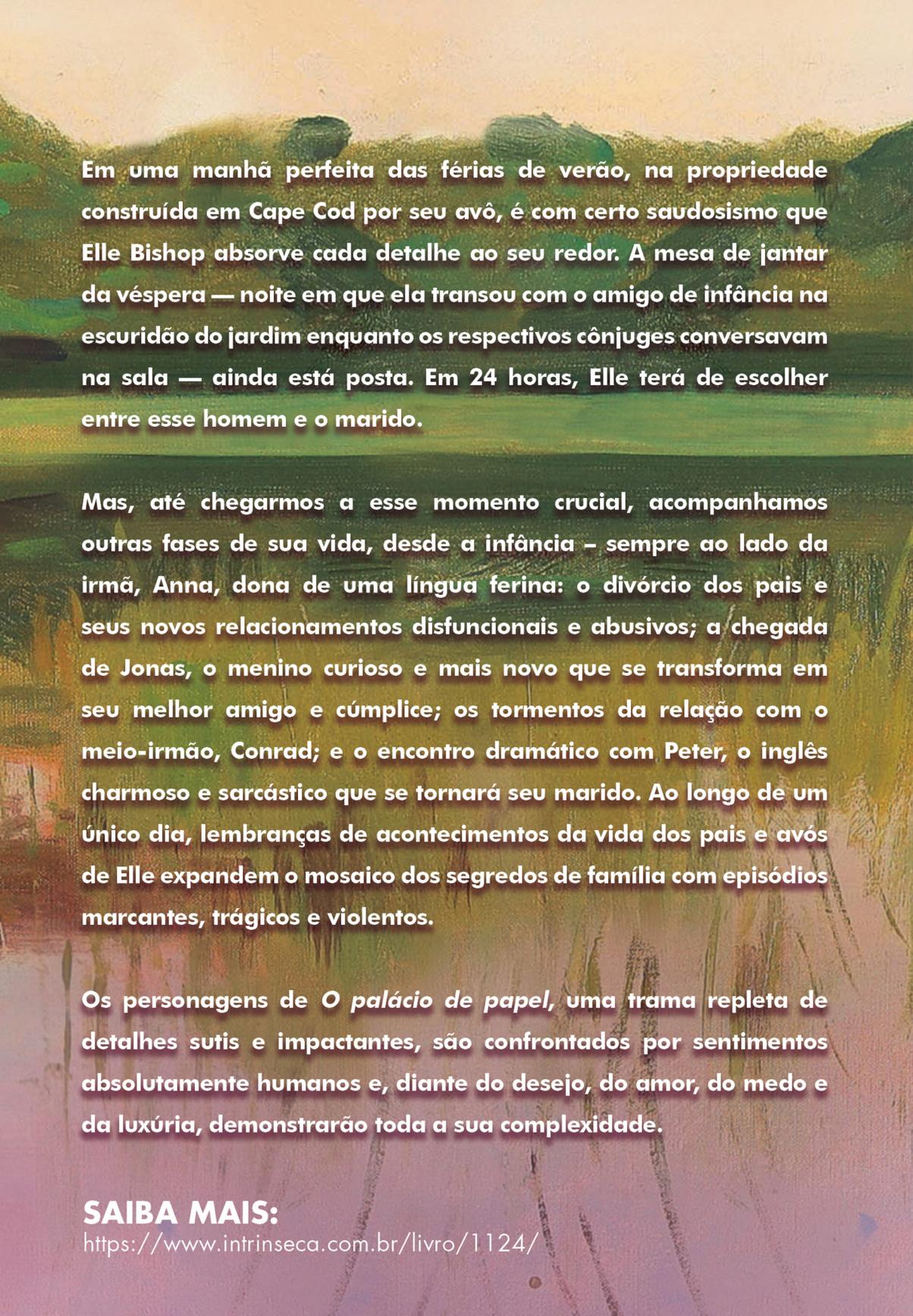
— Não sei. Coisas.

— Ele tinha uma baita queda por você quando vocês eram adolescentes. Acho que você o magoou muito quando se casou com Peter.

— Não seja ridícula. Ele era praticamente uma criança.

— Ah, acho que era mais do que isso. Pobrezinho — diz de um jeito monótono enquanto retoma o livro. É bom que não esteja olhando para mim, porque neste momento sei que meu rosto está transparente.

Lá fora, na lagoa, a água está completamente imóvel. Um peixe salta e, na esteira do salto, deixa uma trilha de círculos concêntricos. Observo as ondinhas se afastando até serem reabsorvidas, como se nada tivesse acontecido.



Em uma manhã perfeita das férias de verão, na propriedade construída em Cape Cod por seu avô, é com certo saudosismo que Elle Bishop absorve cada detalhe ao seu redor. A mesa de jantar da véspera — noite em que ela transou com o amigo de infância na escuridão do jardim enquanto os respectivos cônjuges conversavam na sala — ainda está posta. Em 24 horas, Elle terá de escolher entre esse homem e o marido.

Mas, até chegarmos a esse momento crucial, acompanhamos outras fases de sua vida, desde a infância – sempre ao lado da irmã, Anna, dona de uma língua ferina: o divórcio dos pais e seus novos relacionamentos disfuncionais e abusivos; a chegada de Jonas, o menino curioso e mais novo que se transforma em seu melhor amigo e cúmplice; os tormentos da relação com o meio-irmão, Conrad; e o encontro dramático com Peter, o inglês charmoso e sarcástico que se tornará seu marido. Ao longo de um único dia, lembranças de acontecimentos da vida dos pais e avós de Elle expandem o mosaico dos segredos de família com episódios marcantes, trágicos e violentos.

Os personagens de *O palácio de papel*, uma trama repleta de detalhes sutis e impactantes, são confrontados por sentimentos absolutamente humanos e, diante do desejo, do amor, do medo e da luxúria, demonstrarão toda a sua complexidade.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1124/>